

Mentes que brilham

MÍRIAM LEITÃO

Responda rápido: do que o Brasil precisa? Difícil responder assim de sopetão: precisa de coisa demais. Agora, se a pergunta for: do que o Brasil não precisa, é mole: não precisa de mais um índice de inflação.

O professor Mário Henrique Simonsen tem uma velha e deliciosa brincadeira. Ele simula um diálogo com um estrangeiro para explicar a serventia dos índices publicados diariamente nos jornais. É de matar de rir, vê-lo imitando o cidadão, pasmo com as revelações da inflação à brasileira.

Só para atender às encomendas, a FGV faz 300 índices especiais mensalmente. São os mais variados setores — exemplo: indústrias consumidoras de fios de cobre — que querem saber qual foi exatamente a sua inflação. Não se contentam com um índice **prêt-à-porter**, querem um sob medida. Antes da era do fax, os telefones de Botafogo, próximos à Fundação, costumavam ficar congestionados no dia da entrega das encomendas aos clientes. Com fax, a coisa flui mais rápido.

A despeito disso, todo plano econômico sucumbiu à tentação de fazer um índice só seu e daí surgiu uma lenda na vida econômica brasileira: a “maldição do índice”, que reza o seguinte: todo índice fabricado por uma equipe, no meio de um plano, dispara no mês seguinte, punindo seus criadores.

Todos os truques embutidos nos indexadores foram descobertos e todos os feitiços voltaram-se contra os feitiçeiros, mas dos tubos de ensaio dos economistas sai sempre a mesma poção: um índice novo. O professor Edmar Bacha, por exemplo, é responsável por numerosa prole. Certa feita, quando era presidente do IBGE, deu à luz gêmeos: IPC com e sem expurgo. Quando, quatro meses depois, o Governo quis a criação de nova dupla, ele deixou o cargo, exigindo algum controle de natalidade na espécie.

Desastrosas experiências não foram suficientes, pelo visto, para demover os economistas de recorrer ao mesmo expediente. Há semanas, a equipe vem anunciando que vai anunciar um índice novo.

Pior do que bater numa tecla velha e gasta é a maneira como a equipe econômica comunicou ao mundo a gestação da nova criatura. Coube a um economista já demissionário, André Lara Resende, confirmar as especulações dos jornalistas e informar oficialmente que se pensava na criação de um novo índice, ou nova moeda. E foi avalizado pelo ministro Fernando Henrique: “Ele falou em meu nome.”

Um dia depois, sábado, com todos os jornais fechados, o ministro dispensou o porta-voz e deu o confirmado pelo não-dito. Na segunda-feira, com mandato oficial, o diretor de política monetária, Francisco Pinto, ligou para alguns jornalistas e explicou: não é moeda. E mesmo um índice: novo, diário, que não refletirá a inflação passada, como os demais,

mas que não ficará abaixo dos outros índices. Ora, se ele é diferente, se é diversa a sua química e o tempo retratado, não pode ser igual.

Dias depois, numa reunião que varrou a madrugada com deputados do PSDB, a equipe explicou melhor: o índice pega primeiro o mercado financeiro e depois vai para outros preços. Deverá seguir a variação do câmbio. Na última segunda-feira o economista Edmar Bacha foi ainda mais explícito numa roda de banqueiros com quem tomou o café da manhã. Na verdade, disse, é índice, mas em 90 dias pode ser moeda.

Essa forma de anunciar homeopaticamente, insinuar, deixar entrever teve um custo. O Banco Central pagou taxas absurdas de juros e mesmo assim não conseguiu vender todos os títulos que ofereceu no leilão da terça-feira. Não é preciso ter uma mente muito sagaz para captar o óbvio. Se o BC terá que rolar US\$ 7 bilhões, não pode ficar ameaçando mudanças em indexadores oficiais. Só pode tomar, uma, de duas atitudes: não falar antes da hora, ou falar tudo. O mercado não pode ir para um megaleilão de títulos sabendo “mais ou menos” que “algo” vai acontecer.

Enquanto mercado e Banco Central travavam uma queda-de-braços na mesa de open, um jornalista pediu ao ministro Fernando Henrique mais detalhes sobre o índice-moeda e ele respondeu: “Perguntem ao Lara Resende.” Exatamente naquele dia, 30 de novembro, Lara Resende deveria estar fechando as últimas gavetas do Ministério, desligando-se da sua condição de assessor do ministro da Fazenda.

Sete meses de equívocos, disse não-disse, anuncia, adia, não foram suficientes para apagar a esperança de que os economistas da equipe — conhecidos pela potência dos cérebros — concebiam um conjunto de medidas que possa merecer o nome de plano de estabilização. Para isso, certamente, ele tem que ser mais que um índice, ou moeda pré-datada. Terá que encontrar soluções criativas para velhos dilemas. Por exemplo: converter salários pela média é nitroglicerina pura. Não é difícil entender que converter pelo pico, num cenário de inflação declinante, geraria aumento real de salário. A questão é como convencer disto os sindicatos, o Congresso e os juizes.

O ministro Fernando Henrique emociona quando conclama a um movimento de combate à inflação. Mobiliza quando alinha as chances de sucesso. A equipe acerta quando repete obsessivamente a necessidade de um orçamento equilibrado. Este ministro e esta equipe podem conduzir a temporária, mas agora inadiável, estabilização da economia brasileira, principalmente se tiverem aprendido com a repetição de erros elementares na estratégia política, na comunicação e até na formulação de saídas técnicas para a crise brasileira. O país que se preparou para assistir ao filme “Mentes que brilham” não pode continuar se entediando com mais uma reprise da série: “Os trapalhões”.

Miriam Leitão é colunista de economia do GLOBO.